



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

NEGÓCIOS SOCIAIS E OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

EDUARDO MENDONÇA NASCIMENTO
UNIVERSIDADE POSITIVO (UP)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradeço a Universidade Positivo pela oportunidade e principalmente ao meu professor que me inspirou e orientou nessa caminhada

NEGÓCIOS SOCIAIS E OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo contribuir no avanço do estudo e entendimento dos negócios e empreendedorismo sociais ao buscar, na literatura – através de uma pesquisa de cunho misto – exemplos que demonstrem a contribuição com os objetivos do desenvolvimento sustentável, estabelecidos pela ONU (Organização das Nações Unidas) no ano de 2015 para 2030, e analisar as influências específicas de vários tipos diferentes de negócios para os objetivos equivalentes. Com esse fim, foram encontrados 35 artigos sobre o tema, podendo ser divididos em 3 categorias: (i) artigos que explicitam exemplos de negócios sociais, (ii) artigos que falam sobre os ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) e (iii) artigos que tratam de empreendimentos sociais, suas estruturas, críticas e definições. Foi constatada a contribuição positiva dos negócios sociais (NS) para os ODS. Através de diversos exemplos de negócios sociais que ajudam em um ou mais dos 17 objetivos, esses exemplos de negócios são de várias localidades do Brasil e, em alguns casos, de outros países; essa contribuição foi descrita e analisada pelo autor. Todavia constatou-se também diversas críticas a este tipo de negócio, e apesar de elas não serem o foco do artigo, foram sugeridas como possíveis elementos para pesquisas futuras.

1 - INTRODUÇÃO

O Conceito de negócio social – empreendedorismo social, negócio de impacto social e outras possíveis nomenclaturas – ainda é recente e está em construção Tiscoski, Rosolen e Comini (2014), mas seguindo a proposta do ganhador do prêmio Nobel da paz 2006, Muhamad Yunus, os negócios sociais são empreendimentos que visam assistir a determinado problema social com o reinvestimento dos lucros e dividendos nos próprios negócios. Partindo para uma definição mais ampla pode-se entender que os empreendimentos sociais são, segundo Tiscoski, Rosolen e Comini (2014), negócios ou empresas que objetivam a criação de “valor social”, gerando novas metodologias e ou produtos, que acabem por transformar, positivamente, a sociedade.

Com o crescente aumento da relevância dos empreendimentos sociais, Mendes (2021), surgem várias questões, sendo uma das principais a relevância desse tipo de negócio e sua real capacidade em transformar, positivamente, a sociedade, além da necessidade em aumentar as análises empíricas sobre esse tipo de empreendimento (Romani-Dias et al., 2017). Com isso o presente trabalho tem como foco o estabelecimento e exploração do impacto dos negócios sociais e sua possível relação com os objetivos do desenvolvimento sustentável; neste intuito, foi realizado uma pesquisa bibliométrica de cunho qualitativo e quantitativo, almejando produções acadêmicas que descrevessem e explorassem as composições, os objetivos e o efeito de negócios sociais em suas respectivas áreas de atuação. Procurou-se, também, o entendimento dos objetivos do desenvolvimento sustentável, afim de compreender se; considerando os resultados obtidos com a análise do “produto” dos NS (negócios sociais) na sociedade; os empreendimentos sociais seriam influentes - e se sim em qual grau- no cumprimento desses objetivos.

Com a observação de diversos trabalhos acadêmicos sobre os NS foi possível concluir que talvez esse tipo de empreendimento sejam os formadores do setor produtivo público não-estatal descrito por Bresser-Pereira e Grau (1999, que tomariam o protagonismo no século XXI; sendo extremamente importante para a efetivação dos ODS, visto que -principalmente nos países em desenvolvimento - a ausência do Estado causa diversos males para as camadas mais frágeis da sociedade, que ficam a deriva de eventuais e pontuais ações do primeiro setor. Surgindo no terceiro setor soluções empresariais para a minimização de problemas sociais segundo (Baggenstoss; Donadone, 2013). Sendo as organizações sem fins lucrativos limitadas e incapazes de ações em profundidade, comparado aos empreendimentos sociais, para a amenização de problemas, Rodrigues (2018). Porém os NS não são uma alternativa incólume e perfeita, dado que possuem limitações como: a forte regionalização e incapacidade de crescimento em larga escala, devido ao fato de processos de produção em massa não serem viáveis com pequenos negócios , como são a maioria dos empreendimentos sociais (Moura, Comini e Teodósio, 2015), e também ao foco do negócio e forma de organização interna que muitas vezes dificulta a mensuração do impacto social segundo Alves, César e Conejero (2020), possuem também questionamentos ligados a uma maior ausência do Estado nas questões em foco dos NS, por perceber um elemento agindo em “seu lugar”, podendo assim “esquivar-se” de suas responsabilidades Correa (2020). Porém apesar das possíveis críticas que esse tipo de negócio vem gerando, e notável sua influência positiva nas áreas de atuação.

2 – OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo estabelecimento das seguintes questões: (i) analisar de que forma os negócios sociais influenciam significativa e positivamente na sociedade (ii) avaliar de que forma essa contribuição positiva influencia no cumprimento de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

3 – REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Os Objetivos do desenvolvimento Sustentável

Os Objetivos do desenvolvimento Sustentável foram estabelecidos pela ONU em 2012 como sendo uma “evolução” dos Objetivos do Desenvolvimento para o Milênio, estabelecidos no ano 2000; segundo (Roma 2019), eram 8 os ODM que se dividiam em metas globais e regionais; sendo, por exemplo, o primeiro ODM: a erradicação da extrema pobreza e da fome; ele possuía 3 metas globais, sendo uma delas a diminuição da extrema pobreza ,até 2015, para a metade dos índices de 1990. Para Roma (2019), o Brasil conseguiu cumprir várias das suas metas, tendo tido avanços relevantes no período de 2000 a 2015 e para Sena (2016), pode ser notado um grande avanço entre 1990 a 2010, na melhora das questões de saúde e abastecimento das regiões do semiárido brasileiro no âmbito das análises dos indicadores de desempenho dos ODM no Brasil. Logo em 2012 foi realizada ,pela ONU, a Rio+20, na qual foram estabelecidos os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e 169 metas para 2030; são eles: 1 a erradicação da pobreza,2 fome zero e agricultura sustentável,3 Saúde e bem-estar, 4 educação de qualidade, 5 igualdade de gênero, 6 água limpa e saneamento, 7 energia limpa e acessível, 8 trabalho decente e crescimento econômico, 9 inovação infraestrutura, 10 redução das desigualdades, 11 cidades e comunidades sustentáveis, 12 consumo e produção responsáveis, 13 ação contra a mudança global do clima, 14 vida na água, 15 vida terrestre, 16 paz, justiça e instituições eficazes, 17 parcerias e meios de implementação.

3.2 Negócios Sociais

As definições conceituais ainda estão em sério debate, havendo diversos tipos de teorias sobre NS, na concepção de (DACIN; DACIN; TRACEY, 2011). Todavia o principal conceito de negócio social foi popularizado por Muhamed Yunus, ganhador do prêmio Nobel da paz em 2006 (BARKI et al., 2015) sendo o de que um negócio social é um empreendimento que objetiva transformar a sociedade através da geração de valor social que é viabilizada pela geração de valor econômico (Yunus, 2010) apresentando a ideia de que negócios sociais são de 2 tipos: (i) Aqueles que não focam no acúmulo e distribuição de dividendos, reinvestindo-os nos próprios negócios e a segundo tipo (ii) na qual o foco é o lucro, pois os proprietários são pobres ou desfavorecidos que terão a sua pobreza eliminada ou aliviada devido aos lucros deste negócio. Mendes (2021) e Aguiar (2020) entendem que os negócios sociais são empreendimentos que visam resolver problemas sociais e econômicos através de ferramentas de mercado; Aprofundando o conceito de negócio social temos Comini, Barki e Aguiar (2012),

levantando as 3 maiores perspectivas sobre negócios sociais: a americana, a europeia e a de países em desenvolvimento; na qual a americana se basearia ,principalmente , no impulso de grandes corporações para o fornecimento de bens e serviços acessíveis às camadas da população na “base da pirâmide social”; com a visão europeia dos NS se baseando na iniciativa do Estado em resolver questões sociais, com os negócios sociais sendo fomentados a partir do Estado e não vindo do grande capital de multinacionais ou da iniciativa privada de empreendedores de baixarenda como na perspectiva dos países em desenvolvimento, que observam os negócios sociais como meio de sustento, dos empreendedores, e como ferramenta para o impacto e mudança social. Battilana (2014) entende os NS como ferramentas para a resolução ou minimizações de questões sociais através do mercado, Azeredo (2018) entendo que esse tipo de empreendimento possui grande potencial para gerar valor social e econômico, (Bezerra e Ferreira, 2018; Romani-Dias et. al., 2017 p. 2) entende que esse tipo de empreendimento possui a capacidade de resolver ou diminuir os problemas sociais a ponto de transformar a realidade.

Entretanto Tiscoski, Rosolen e Comini (2013) concluem que existe uma ausência de base conceitual para os NS. Silva e Iizuka (2018) demonstram a diversidade de nomenclaturas sobre empreendimento sociais, Bezerra e Ferreira (2018) argumentam que essa diversidade de nomenclaturas e conceitos ao redor do tema provavelmente se deve ao fato de empreendimentos com foco em assistir a determinado problema social, colocando o lucro em segundo plano, surgirem em várias realidades e diversos contextos socioeconômicos diferentes; e a questão não está apenas nas definições acadêmicas, no meio prático existe grande ausência de entendimento sobre o que são negócios sociais, pois, como Comini, Barki e Aguiar (2012) argumentam, que existem empresas que se classificam como NS em um âmbito que carece de concordância entre teóricos, e Bezerra e Ferreira (2018) comentam que alguns empreendimentos no Rio Grande do norte, que foram classificados por eles como NS, sequer sabiam que existiam tal tipo de negócio e que poderiam possuir tal classificação; isso demonstra que a dificuldade de definições e entendimento dos negócios sociais está não apenas no âmbito acadêmico, mas também no meio prático.

4 - METODOLOGIA

Para este projeto foi realizada uma pesquisa bibliométrica de cunho qualitativo e quantitativo; com o levantamento de 35 artigos relacionados aos negócios sociais, suas definições, descrições, alcances e exemplos empíricos que os descrevessem; tendo artigos com exemplos, de um ou mais, negócios sociais; artigos referentes a definições, explicações, críticas à NS e artigos tratando dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Foram estabelecidas duas fases; a primeira fase se concentrou na busca ,quantitativa , de artigos sobre os negócios sociais, já a segunda fase foi de análise qualitativa da bibliografia levantada durante primeira fase, onde foram privilegiados artigos de bons periódicos e autores especializados na áreas e de reconhecida bibliografia relevante; a busca pelos artigos foi realizada através da plataforma Google Acadêmico. Devido ao fato de o foco da pesquisa não ser a discussão sobre as diversas definições e nomenclaturas dos negócios sociais; fez-se necessário - para o presente trabalho - assumir que qualquer empreendimento social, vindo de fontes acadêmicos, que se definisse como NS seria tomado como tal.

5 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Negócios Sociais e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Para Bezerra e Ferreira (2018), os ODM e ODS são a culminância do debate global sobre o desenvolvimento socioambiental; eles são a aplicação de indicadores que visam estabelecer resoluções para que haja um desenvolvimento econômico, social e ambiental a nível mundial; já os negócios sociais são estruturas que vão ao encontro dos ODS, pois possuem “grande potencial de transformar o mundo”, visto que são – segundo (BARKI, 2015)- respostas a impasses estabelecidos pelo capitalismo, podendo ser encarado como uma tentativa de um capitalismo mais inclusivo. Logo entende-se que os negócios sociais podem ser ferramentas auxiliaadoras no processo de alcançar as metas dos ODS. Os Autores constataram, através da pesquisa realizada, que há uma variada gama de NS que contribuem para objetivos específicos do desenvolvimento sustentável como quando os , já citados, Bezerra e Ferreira (2018) buscaram entender se os negócios sociais tinham a capacidade de mudar positivamente a sociedade, olharam para o estado do Rio Grande do Norte e ao analisar os negócios de impacto social desta região concluíram que este tipo de empreendimento possui a potência de ser crucial na resolução e diminuição dos problemas sociais; eles filtram 36 negócios dos 650 iniciais em sua pesquisa, estes 36 buscavam minimizar ou resolver questões sociais, sendo a maioria (70%) voltada para as questões educacionais e de tecnologias verdes; com isso podemos observar a contribuição destes negócios para 1º, 8º, 9º, 10º e 13º ODS.

Bezerra e Miller (2015) acompanharam o projeto PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) do SEBRAE RN (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Norte) ao longo de 3 anos, este projeto consistia em dar apoio e incentivo aos 200 agricultores de variadas regiões do Rio Grande do Norte; além de o estudo ter conseguido entender a estrutura dos pequenos negócios rurais e sua produção, foi possível comprovar o aumento em 30% na renda durante o período, e a superação dos índices do projeto inicial. Estes produtores rurais aumentaram seu ganho e melhoraram sua condição de vida. Com este projeto configurando-se na segunda definição de negócio social de Yunus (2007, p.28), colaborando com o 1º, 2º e 15º ODS.

Gonçalves, Sugahara, Ferreira (2022) Debatem a relevância dos empreendimentos sociais como resposta diferente aos crônicos problemas e mazelas da sociedade; eles analisaram a geração de valor, vinda desses empreendimentos, através de múltiplos casos. Esses autores examinaram 5 empreendimentos sociais diferentes fundados entre 2006 e 2017, com 2 situados em São Paulo, 1 em Belo Horizonte, 1 em Maceió e 1 em Campo Grande; os 5 possuem alguma relação com educação e capacitação, porém com focos diferentes, indo do apoio a educação de deficientes auditivos ao ensino e oferta de cursos de inglês mais acessíveis; pode-se concluir que os exemplos empíricos de negócios sociais apresentados por Gonçalves, Sugahara e Ferreira(2022) contribuem no alcance do 3º (Saúde e bem-estar), 4º (Educação de Qualidade) 8º (Trabalho digno e crescimento econômico) ODS; eles entendem que os empreendimentos sociais não apenas permitem a inovação social como também são importantes instituições de resposta à profundas mazelas sociais.

Comini, Barki e Aguiar (2012) também demonstram exemplos de negócios sociais; um dos exemplos é o do Banco Pérola, este banco realizou uma série de parcerias para fornecer microcrédito para jovens empreendedores – que não conseguiriam crédito pelos meios tradicionais – empréstimos e apoios na construção de casa. Comini, Barki e Aguiar (2012) afirmam que a iniciativa deste banco auxilia na inserção de jovens no mercado de trabalho, atenuação da pobreza e traz prosperidade econômica local; visivelmente contribuindo para o 8º e 11º ODS. Moura, Comini e Teodósio (2015) apresentam um caso de negócio social que surgiu em Botswana. Através de diversas parcerias a Solar ear, nome deste negócio social, produz aparelhos auditivos de baixo custo, que funcionam com baterias recarregáveis com energia solar, eles também empregam deficientes auditivos em suas fabricas. Apesar de a pesquisa não conseguir criar medidas eficazes para averiguar o valor gerado pelo empreendimento, sua contribuição para o 8º,9º e 10º ODS nesta região é evidente. Santoro e Chiavone (2020) apresentam o projeto Vivenda, um Negócios social que oferece 4 soluções para a reforma interna de moradias: 1º Projetos arquitetônicos, 2º mão-de-obra qualificada, 3º matérias primas a preços acessíveis e 4º crédito.

Esse projeto atingiu cerca de 5600 pessoas em 1600 reformas, até 2020, no jardim Ibirapuera, um complexo na periferia da zona Sul de São Paulo. Para que o empreendimento conseguisse ser rentável e pudesse oferecer crédito foi realizada uma série de parcerias, sendo a Artemísia (uma grande incubadora de negócios sociais) e o já citado Banco Perola, exemplos de parceiros; e também, para o mesmo fim, foi criada a primeira debênture de impacto social no Brasil. Santoro e Chiavone (2020) argumentam que apesar de evidentemente o projeto Vivenda ser um negócio social e impactar positivamente a sociedade, este empreendimento constrói capital sobre o endividamento familiar, com os lucros e dividendos ficando com os sócios e não sendo completamente reinvestido no negócio; eles também chamam a atenção para o risco da financeirização dos serviços sociais, todavia o projeto Vivenda claramente contribui para o 11º e 17º ODS nesta região.

Alves, César e Conejero (2020) procuraram entender os fatores críticos de sucesso para os negócios sociais, com esse fim eles olharam para a região metropolitana do Rio de Janeiro e documentaram 4 empreendimentos sociais, eles não informaram os nomes, mas descreveram as atividades e detalhes de suas organizações internas, chamando-os de negócio A, B, C e D. o empreendimento A é uma incubadora que auxilia e acompanha empreendedores sociais; B é uma escola de teatro que dá oportunidade a jovens de baixa renda, remunerando-os pelas peças que apresentam; C é um programa de projetos pedagógicos para escolas, seu foco é inspirar e ajudar educadores a desenvolver a publicação das obras de alunos; D é uma organização que provém sistemas de gestão para escolas, essa gestão inclui os elementos administrativos das escolas como o recebimentos de mensalidades e a emissão de documentos. Alves, César e Conejero (2020) comentam da dificuldade que esses negócios possuem de medir claramente seu impacto, todavia pode-se concluir que eles acabam por contribuir para o 4º, 8º, 10º, 11º e 17º ODS.

Chagas e Moura (2018) analisaram a AMIC (Amazônia Indígena Criativa), uma incubadora de negócios sociais, e os 7 empreendimentos assessorados por ela; o foco desta incubadora está no nicho da chamada economia criativa, sendo ela o resultado da parceria de entidades públicas; dos 7 projetos acompanhados por ela em 2020, 4 atuam na produção e

comercialização de artesanato, duas atuam no seção de turismo comunitário e uma atua com tecnologias de saneamento básico na região; todas as 7 iniciativas buscaram o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Apesar de os autores não conseguirem criar uma ferramenta universal ou contábil para a análise do impacto de negócios sociais como um todo, foram bem sucedidos em estabelecer ferramentas que os permitiram compreender o impacto destes empreendimentos na região; com isso, pode-se entender que estes projetos colaborando com os 3º, 6º, 8º, 10º, 12º, 13º e 17º ODS nesta região

Silva, Zanetoni, Cardozo, Mariane e Araújo (2019) buscaram entender o vínculo entre os negócios de impacto social e o turismo de base comunitária na região de Corumbá-MS, para este fim eles destacaram 3 tipos diferentes de empreendimentos sociais, sendo o primeiro o Cidade Dom Bosco, que busca auxiliar os elementos marginalizados da sociedade através da capacitação, produção e comercialização de artesanato, sendo o segundo as ações promovidas pelo Instituto Homem Pantaneiro, o qual foca no desenvolvimento e pesquisas de ações esportivas, cultural e no ecoturismo, e o terceiro são as ações do Grupo Moinho Cultural que usam a dança, música e a tecnologia como instrumento de impacto social; apesar de os autores perceberem a falta de parcerias para o desenvolvimento do turismo de base comunitária, existem iniciativas que vem trabalhando para o desenvolvimento socioambiental da região, com os 3 empreendimentos sendo exemplos destas iniciativas, além de contribuírem para o 4º, 8º, 13º e 15º ODS nesta região.

Silva (2013) analisou 4 negócios sociais relacionados à saúde; o primeiro é uma empresa chamada Saútil, um site de busca gratuita que reuni informações não tão intuitivas de acessar sobre o SUS, remédios, unidades de saúde e mais. O autor indica que apesar de os fundadores desse empreendimento se importarem em nunca abandonar o impacto sociais de seu negócio, eles não possuíam um painel adequado de métricas utilizadas para medir esse impacto. O segundo empreendimento analisado foi o Projeto CIES, inicialmente uma ONG que visava auxiliar na diminuição das filas de atendimento do SUS, através de atendimento móvel. Através de um dos serviços ofertados era possível, na época, atender 200 pessoas por dia em 10 especialidades e em cidades com mais de 100 mil habitantes com a Carreta Saúde; 60% da sua renda vinha de ser um fornecedor SUS, outros 25% vinham de atendimento privado e 10% de doações; segundo o autor, as métricas eram eficientemente medidas e documentadas para garantir o impacto positivo do projeto.

A terceira empresa é a Sorridents, uma empresa de consulta e tratamento odontológica em um modelo de franquia. Eles ofereciam consultas e tratamentos a baixíssimo custo, para ser acessível às classes C e D, e por isso necessitavam de grande quantidade de atendimentos; possui um banco de dados extremamente sólido e confiável, além de utilizar métricas adequadas para a medição do impacto. O último NS analisado pelo autor é a clínica SiM, fundada por um administrador, no Ceará, afim de atender adequadamente as pessoas que não eram eficientemente atendidas pelo SUS ou que ficariam muito tempo nas filas de atendimento, focando na maior deficiente do Sistema Único de Saúde: o atendimento secundário. Essa clínica fornece atendimento médico e tratamento acessível às pessoas das classes C, D e E, sendo financeiramente rentável e possuindo sérias métricas de qualidade dos serviços prestados, apesar de não possuir métricas muito claras sobre a geração de valor social da empresa. Silva

(2013) conclui que esses negócios sociais possuem solução viáveis para a rentabilidade financeira e geram benefícios concretos para a população. Pode-se entender que esses empreendimentos sociais auxiliam no 3º e 17º ODS.

Rebehy, (et al., 2017) identificou que os sistemas de gestão de resíduos sólidos urbanos no Brasil são ineficientes e precários, além de resistentes a novas tecnologias. Desta forma Rebehy, et al, buscaram a criação de um novo modelo de gestão de resíduos sólidos que fosse viável e eficiente, baseado em novas tecnologias e em um rearranjo institucional de parcerias entre os agentes. O resultado foi um modelo de negócio social que afeta toda a cadeia produtiva relacionada a coleta e tratamento dos resíduos, esse modelo envolve melhoria de qualidade de vida dos coletores, viabilização de um ecossistemas sustentável financeiramente para os elementos da cadeia produtiva, além de mais eficiência no tratamento de resíduos; Porém possui limitações, principalmente relacionado a absorção da cadeia produtivas, pois a indústria ainda não utiliza de matérias primas recicladas em tão larga escala, algo que não inviabiliza o modelo, apensar demonstra a necessidade de rearranjos sociais. O modelo de negócio social apresentado pode contribuir para o 1º, 11º, 12º e 17º ODS.

Quando Bruscato (2017) buscou entender de qual forma um negócio social poderia impactar positivamente na sociedade, olhou para a Bridge International Academies; uma rede de escolas de baixo custo iniciada no Quênia em 2008. Essa rede é extremamente eficiente e padronizada, a Bridge oferta um sistema de ensino primário normatizado e de baixo custo – 6 dólares por mês, ele inclui treinamento e capacitação de docentes e monitoramento de alunos e dos resultados por eles entregue; a BIA é um empreendimento planejado e estruturado para ser expandido, algo que se torna um diferencial entre os negócios sociais. Ela conclui que Bridge International Academies é um ótimo de exemplo de como um empreendimento social pode melhorar o bem-estar e desenvolver uma melhor qualidade de vida, além de ser uma clara referência do possível impacto positivo dos NS na sociedade; contribuindo com o 1º, 3º e 4º objetivos do desenvolvimento sustentável.

Conejero, Alves e Lima (2020), interessados em entender os fatores críticos de sucesso dos negócios sociais, buscaram na análise do agronegócio um melhor entendimento; eles observaram 3 empreendimentos sociais sendo 1 sem fins lucrativos e 2 negócios sociais. O primeiro negócio social descrito por eles foi uma pequena empresa, não nomeada, que foca no rastreio de produtos rurais, afim de garantir a transparência na origem dessa produção agrícola. Outro negócio social descrito por eles é o de uma pequena associação de produtores rurais que utiliza do agro turismo eles oferecem visitas escolares e passeios para férias e hospedagem, além de promoverem outros negócios locais focados na culinária e no artesanato local; Pode-se entender que os negócios sociais descritos por Conejero, Alves e Lima (2020) contribuem como 8º, 9º, 12º ODS.

Com a análise de vários exemplos empíricos de negócios sociais surge algumas questões como: de que forma se dá a competitividade desse tipo de empreendimento? Essa a questão analisada por Higashi, Comini, D'amario (2017). Eles examinaram 6 negócios sociais diferentes, sendo 3 deles brasileiros e mais novos e com outros 3 originados em Bangladesh, pelo ganhador do nobel da paz em 2006, Muhammad Yunus. Eles concluíram que ,devido ao

público alvo dos NS, nem todos possuíam concorrência direta com empresas tradicionais e que a concorrência entre empreendimentos sociais dá-se de forma amigável; os autores também ressaltam que o marketing não é um elemento tão fundamental para esses negócios, pois devido ao foco dos NS a qualidade dos produtos e serviços é um diferencial que os coloca a frente dos concorrentes tradicionais e traz segurança e confiabilidade para as marcas sociais, todavia os autores também ressaltam que é necessário que os empreendimentos sociais tenham uma forte agressividade para com os concorrentes de empresas tradicionais. Eles concluem que há diversos desafios de adaptações dos NS para que se mantenham no mercado e que evoluam cada vez mais a competitividade. Os 6 empreendimentos sociais contribuíam em diferentes objetivos do desenvolvimento sustentável sendo especificamente para o (2) Fome zero (3) Saúde e bem-estar, (4) Educação de qualidade (6) Água limpa e saneamento, (12) Consumo e produção responsável.

Walchhutter e Iizuka (2019) analisaram o triplo foco dos negócios sociais; a busca por gerar valor social, por desenvolvimento financeiro e por equilíbrio ecológico, pois segundo eles são objetivos que, normalmente, avançam unilateralmente. Afim de compreender esse fenômeno eles estudaram 4 negócios sociais; o primeiro a Avante, um agente financeiro que oferta microcrédito e serviços financeiros à pessoas que não conseguiriam em bancos padrões; esse NS operava (em 2015) em 4 estados do Brasil e possui cerca de 5 milhões de reais em empréstimos possuindo planos de expansão para mais 13 estados até o final de 2016. O segundo negócio social estudado por eles foi a A Goóc Eco Sandals, uma empresa criada por um imigrante vietnamita fugindo de seu país natal; ele criou em 2012 um empreendimento social que produz sandálias, bolsas e mochilas feitas de pneus e lonas, velhas e inutilizadas, com o foco da mão-de-obra da empresa sendo parte da missão social, pois empregava mais de 960 funcionários de baixa mobilidade social; já em 2015 o faturamento da empresa era estimado em 30 milhões de reais.

A terceira foi o, já citado, Banco Perola; criado em 2008 para oferecer microcrédito a pessoas e empreendedores que teriam dificuldades em conseguir crédito pelas vias padrão; foi inspirado no banco Greeman criado por Muhammad Yunus. A quarta é a Moradigna, um negócio social que visa promover reformas de casa a um baixo custo, em seu primeiro ano realizou mais de 400 reformas com uma perspectiva de faturamento de 1 milhão de reais. Walchhutter e Iizuka (2019) concluíram que os dilemas e tensões observadas em seu estudo são características que não apenas fazem parte desses empreendimentos, mas de suas definições, pois buscar alcançar objetivos que inicialmente parecem diametralmente opostos – como a busca em criar valor social junto ao sucesso financeiro – é que identifica um negócio social; e segundo esses autores, nem todos os negócios que iniciam como NS conseguem se manter como tal devido a essas tensões. Pode-se entender que os exemplos de NS apresentados contribuem com o 1º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º ODS.

Azeredo (2018) Levanta uma questão significativa: como os negócios de impacto social podem evitar a perda do foco “social” do empreendimento? Ao analisar os ecossistemas de atuação dos negócios de impacto social, termo - considerado pelo autor- mais amplo que negócios sociais, mas que visa igualmente a geração de valor social através de ferramentas de mercado (Barki, 2015), notou-se a importância das parcerias, principalmente as aceleradoras, já que elas

são vitais na manutenção do hibridismo (foco social e financeiro) dos negócios de impacto social, ajudando a esses empreendimentos não “fraquejarem” na geração de valor social. A fim de compreender o papel e as estratégias das acelerados sociais nos ecossistemas dos negócios de impacto social, principalmente em evitar a perda do foco social desses empreendimentos; Azeredo (2018) analisou os ecossistemas dos negócios de impacto social, além de 4 diferentes acelerados, nomeadas por ela de Alfa, Beta, Delta, Gama e compreendeu que os negócios de impacto social possui grande capacidade em gerar transformação e social e econômica, mas para que consigam cumprir seus objetivos é vital um ecossistema de apoio forte, que ajudem esses empreendimentos a equilibrarem a geração de valor social com a sustentabilidade financeira, logo no início, contribuindo para evitar a evasão do propósito social desses negócios. Sendo assim pode-se concluir que as aceleradores podem contribuir para o 17º ODS.

5.2 As “Desvirtues” dos Negócios sociais

Correa (2020) traz uma visão que parece ir contra a maré ao afirmar que os negócios sociais são medidas meramente paliativas, que servem para que o Estado mascare suas responsabilidades e que não são capazes de gerar real avanço no combate às desigualdades sociais; porém essa parece ser uma percepção diferente da de Bresser-Pereira e Grau (1999), na qual a crise do Estado levou ao destaque do setor produtivo público não-estatal, destaque ao qual pode pertencer os negócios sociais. Correa (2020) levanta pontos a serem questionados, como: são os negócios sociais realmente relevantes? ou meros instrumentos do mercado para camuflar uma construção de capital sobre os mais necessitados?, para Comini, Roselen e Fischer (2019) esse tipo de atuação dos negócios sociais é um aproveitamento de lacunas deixados pelo desinteresse do mercado ou do Estado. Santoro e Chiavone (2020) vão, parcialmente, de encontro a perspectiva de Correa (2020), ao afirmar que apesar do impacto positivo do projeto Vivendo na sociedade, ele se constitui de um perigo de financeirização dos serviços sociais ao construir capital sobre o endividamento social. Walchhutter e Lizuka (2019) demonstram como é difícil para muitos NS continuarem como tal devido aos seus objetivos, inicialmente, tão oposto como: a busca por sustentabilidade financeira junto a criação de valor social, essa dualidade de objetivos pode fazer com que alguns desses empreendimentos abandonem um objetivo em prol de outro, esse efeito foi abordado por Azeredo (2018) que compreendeu que as aceleradoras sociais são importantíssimas para auxiliar, esses empreendimentos, na criação de um equilíbrio entre a geração de valor e a sustentabilidade financeira. Chagas e Moura (2018) descrevem um positivo impacto social de negócios sociais, mas levantam um outro ponto encontrado em mais artigos (Silva, 2013; Moura, Comini e Teodósio, 2015): a dificuldade em mensurar o impacto social dos NS. Essa dificuldade é levantada por Moura, Comini e Teodósio (2015), os quais também atestam o positivo impacto social dos negócios sociais por eles estudado, apesar de afirmarem não conseguir criar métricas funcionais para matematizar o impacto positivo destes empreendimentos na sociedade; Silva (2013) também evidencia a inadequação nos métodos de mensuração, a deficiência do governo em criar formas de autenticar as informações captadas para validar os negócios sociais, mas também admite que a criação de métricas padrão para esse tipo de empreendimento é um desafio e que os empreendimentos por ele analisados estão na direção de solucionar os problemas sociais para o qual se propõem. Lazzarini e Barki (2019) apresentam um contexto no

qual se torna necessário usar diversas técnicas de mensuração, tanto qualitativa quanto quantitativa, para mensurar o efeito dos negócios de impacto social; porém, para esses autores, essas métricas seriam muito mais funcionais na gestão do negócio em si do que na simples mensuração de seu impacto.

5- CONCLUSÃO

Após a análise de diversos exemplos empíricos de Negócios Sociais, levantado durante a pesquisa, foi possível compreender o impacto positivo desse tipo de empreendimento na sociedade, sendo perceptível uma relação de contribuição positiva entre os negócios sociais e os objetivos do desenvolvimento sustentável, seja direta ou indiretamente, visto que esse impacto positivo está além do conjunto de ações padrão do Estado, pois pertence ao setor produtivo não-estatal que tornar-se-ia um alicerce da sociedade segundo Bresser-Pereira e Grau (1999). Nota-se também certas limitações e adversidades nos NS, sendo três deles: a dificuldade em mesurar com mais clareza e exatidão o nível e força desses empreendimentos (Alves, César e Conejero, 2020; Chagas e Moura, 2018; Comini, Barki e Aguiar, 2012; Bezerra e Ferreira, 2018). é uma dessas limitações; a limitação no alcance desses negócios, pois possuem forte regionalização, visto que cadeias de produção em massa normalmente não são compatíveis com esses negócios, Moura, Comini e Teodósio (2015), além de muitas vezes a organização interna ser horizontal e constituída de elementos voluntários, mas não fixos ou plenamente engajados no empreendimento; Alves, César e Conejero (2020); algo que dificulta a expansão.

Além disso, existe a possibilidade da “desvirtuação” dos negócios sociais, Azeredo (2018), os quais podem ter dificuldade em equilibrar geração de valor social e sustentabilidade financeira; esses pontos negativos são sugeridos para pesquisas posteriores. Porém a contribuição positiva dos negócios sociais fica explícita em todos os artigos encontrados que demonstram exemplos empíricos de NS, sendo a necessidade de um novo paradigma voltado para o equilibrado dos recursos ambientais e da vida humana, o motor impulsionador da ONU em 2015 na criação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Gomes e Ferreira (2018). Com os novos empreendimentos sociais formando um novo paradigma do capitalismo, Comini, Barki e Aguiar (2012), e que permitem concluir que os negócios sociais podem ser parte desse novo arquétipo fomentado pela ONU ao estabelecer os ODS, sendo os NS a expressão da sociedade e do mercado, não apenas como tentativa de resolução de problemas socioeconômicos, ambientais e tentativa de diminuição da pobreza, mas como expoente deste novo paradigma pujante que pode ser capaz alterar profundamente a sociedade, Bezerra e Ferreira (2018).

REFERENCIAS

AGUIAR, Tayze Cristine Araújo et al. Negócios de impacto social: uma análise do

ecossistema na cidade de Campina Grande-PB, p.1-106, 2020.

ALVES, Matheus de Arruda Rodrigues; CONEJERO, Marco Antonio; DA SILVA CÉSAR, Aldara. Caracterização e Funcionamento de Negócios de Impacto Social da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. *Revista Valore*, v. 5, p. 5039, 2020.

AZEREDO, Elisângela Marlize Dalpiaz de. Evitando Mission drift: o papel das aceleradoras na manutenção da lógica híbrida dos negócios de impacto social. 2018.

BARKI, Edgard. Negócios de impacto: tendência ou modismo?. *GV executivo*, v. 14, n. 1, p. 14-17, 2015.

BAGGENSTOSS, Salli; DONADONE, Julio Cesar. Empreendedorismo social: reflexões acerca do papel das organizações e do estado. *Gestão e Sociedade*, v. 7, n. 16, p. 112-131, 2013.

BATTILANA, Julie; LEE, Mateus. Avançando na pesquisa sobre organização híbrida – Insights do estudo de empresas sociais. *Academy of Management Annals*, v. 8, n. 1, pág. 397-441, 2014.

BEZERRA, Paulo Ricardo Cosme. Tecnologias sociais para o desenvolvimento sustentável: um estudo em comunidades rurais do território Mato Grande Potiguar, p 1-151, 2021.

BEZERRA¹, Paulo Ricardo Cosme; FERREIRA, José Gomes. Negócios de impacto social e desenvolvimento sustentável: mapeamento e caracterização dos empreendimentos sociais potiguares. *Congestas*. Vol. 6, p.1-10. 2018

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; GRAU, Nuria Cunill. Entre o Estado e o mercado: o público não-estatal. *O público não-estatal na reforma do Estado*. Rio de Janeiro: FGV, p. 15-48, 1999.

COMINI, Graziella Maria; ROSOLEN, Talita; FISCHER, Rosa Maria. Inovações socioambientais: uma análise de soluções e estratégias criadas por negócios de impacto no Brasil. *Negócios de impacto socioambiental no Brasil*, p.1-217, 2019.

COMINI, Graziella; BARKI, Edgard; AGUIAR, Luciana Trindade de. Uma abordagem tripla para negócios sociais: uma análise multicaso brasileira. *Revista de Administração (São Paulo)*, v. 47, n. 3, pág. 385-397, 2012.

CONEJERO, Marco Antônio; ALVES, Matheus de Arruda Rodrigues; DE LIMA, Suzane Campos. Uma análise dos fatores críticos de sucesso dos negócios de impacto socioambiental aplicado ao agronegócio: um estudo multicase. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 9, n. 7, pág. e107973616-e107973616, 2020.

CORREA, BIANCA. A educação infantil sob a lógica do empreendedorismo e dos “negócios de impacto social”. *Educação em Revista*, v. 36, 2020.

DACIN, M. Tina; DACIN, Pedro A.; TRACE, Paulo. Empreendedorismo social: Uma crítica e direções futuras. *Ciência da organização*, v. 22, n. 5, pág. 1203-1213, 2011.

DE SOUZA PRÚCOLI, Héliida; SOARES, Carlos Lidízia. Negócios de impacto social e engajamento social de turistas em regiões economicamente desfavorecidas. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v. 2, n. 27/28, p. 255-257, 2017.

DOS SANTOS DAS CHAGAS, Pauliane; DE FREITAS MOURA, Erick. Avaliação de negócios de impacto social: um estudo de caso nos empreendimentos incubados pela Amazonas Indígena Criativa-AMIC. *Caribeña de Ciencias Sociales*, n. noviembre, 2018.

GOMES, Magno Federici; FERREIRA, Leandro José. Políticas públicas e os objetivos do desenvolvimento sustentável. *Direito e Desenvolvimento*, v. 9, n. 2, p. 155-178, 2018.

GONÇALVES, Fábio Luiz Papaiz; SUGAHARA, Cibele Roberta; FERREIRA, Denise Helena Lombardo. Estudos sobre geração de valor socioambiental em negócios sociais. *Revista Grifos*, v. 31, n. 55, p. 181-203, 2022.

HIGASHI, LAÍS NAKO; COMINI, G. M.; DAMARIO, E. Q. A Competitividade e os Desafios dos Negócios Sociais: Um Estudo de Casos do Brasil e de Bangladesh. Trabalho apresentado na XX SEMEAD-Seminários em Administração, 2017.

LAZZARINI, Sérgio G.; BARKI, Edgard. Avaliação de impacto social. Negócios de impacto socioambiental no Brasil, p. 295, 2019.

MENDES, Rubia Carla et al. Priorização de fatores críticos de sucesso em negócios sociais. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, p.1-179, 2021

MOURA, ANITA; COMINI, Graziella; TEODOSIO, Armindo Dos Santos De Sousa. O crescimento internacional de um negócio social: um estudo de caso. *Revista de Administração de empresas*, v. 55, p. 444-460, 2015.

REBEHY, Perla Calil Pongeluppe Wadhy et al. Negócios sociais inovadores de coleta seletiva no Brasil: Produção mais limpa e redução da pobreza. *Journal of Cleaner Production*, v. 154, p. 462-473, 2017.

RODRIGUES, Eduardo Luiz. Capacidade de inovação social: estudo sobre os fatores determinantes da inovação social em organizações sem fins lucrativos e negócios sociais, p.1-119, 2018.

ROMANI-DIAS, Marcello et al. Agenda de pesquisa em empreendedorismo social e negócios sociais. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace*, v. 8, n. 3, 2017.

ROMA, Júlio César. Os objetivos de desenvolvimento do milênio e sua transição para os objetivos de desenvolvimento sustentável. *Ciência e cultura*, v. 71, n. 1, p. 33-39, 2019.

ROSOLEN, Talita; TISCOSKI, Gabriela Pelegrini; COMINI, Graziella Maria. Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da produção nacional e internacional. *Revista Interdisciplinar de gestão social*, v. 3, n. 1, 2014.

SANTORO, Paula Freire; CHIAVONE, João de Araújo. Negócios de impacto e habitação social: uma nova fronteira do capital financeirizado?. *Cadernos Metrôpole*, v. 22, p. 683-704, 2020.

SENA, Aderita et al. Medindo o invisível: análise dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em populações expostas à seca. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 671-684, 2016.

SILVA, Caio Sousa; IIZUKA, Edson Sadao. Mapeamento de negócios sociais e organizações congêneres no Brasil. *Revista de Ciências da Administração*, p. 123-137, 2018.

SILVA, Fernanda Sábia et al. Negócios de impacto social e turismo de base comunitária um estudo em Corumbá-MS. *Brazilian Journal of Development*, v. 5, n. 10, p. 21998-22009, 2019.

SILVA, Matheus Roquette Ferrato da. Indicadores dos negócios sociais na área da saúde: estudos de casos. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

WALCHHÜTTER, Seimor; IIZUKA, Edson Sadao. Tensões Organizacionais Inerentes como Elemento Distintivo à Natureza dos Negócios Sociais. *Revista de Ciências da Administração*, p. 129-143, 2019.

WEBER, Karl; YUNUS, Muhammad. *Creating a world without poverty: social business and the future of capitalism*. 2008.

YUNUS, M. *Criando um negócio social: como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da Sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.